

IDEIAS

"O TEMPORE, O MORES"

O que faziam juntos, em 1963, gente como Mário Soares, Alçada Baptista, João César Monteiro, Pedro Tamen, Jorge Sampaio e João Bénard da Costa? Noutro tempo e de outro modo também se faziam pequenas revoluções.

NUM tempo difícil (1963) nascia uma revista com um modo diferente de estar na política e de conceber as artes. De tiragem limitada — nem o regime permitiria doutra maneira —, surgiu «O Tempo e o Modo», uma publicação da editora Morais que fora fundada, em 1958, por António Alçada Baptista.

Propunha-se ser um espaço de convergência entre católicos e não-católicos, juntos para combater «a ditadura política de direita e a ditadura intelectual de esquerda».

É que, não podemos esquecer, praticamente não existia um espaço de debate fora das publicações controladas ou pelo regime ou pelo Partido Comunista. «O Tempo e o Modo» cria esse espaço. Pela sua redacção passaram nomes que hoje ocupam (ou ocuparam) lugares de destaque no panorama político nacional. De certo modo, o convívio dessas diferentes personalidades e tendências foi um exemplo microscópico de um fórum democrático. Nele se adivinhavam as futuras dissensões e alianças, davam-se alguns passos, ainda que tímidos e inseguros, para a construção de uma sociedade livre e tolerante.

Contudo, para percebermos o aparecimento de «O Tempo e o Modo», temos de recuar um pouco mais no tempo para compreender como os católicos portugueses começaram não apenas a consciencializar-se dos problemas de um regime político que não cumpre os mais elementares direitos cívicos mas, sobretudo, a tomar posições públicas, na medida das possibilidades que a época proporcionava.

Ao modo do tempo

Termina a II Guerra Mundial e o consulado de Salazar sedimenta o seu poder na sociedade portuguesa. A polícia política persegue os contestatários, geralmente organizados em torno do Partido Comunista clandestino. Não se respeitam as ideias, violam-se domicílios, torturam-se pessoas.

Apesar de grande parte da chamada Igreja oficial estar claramente ao lado do regime, começa a surgir uma consciência diferente entre os católicos mais cultos e progressistas. Sussurra-se, conspira-se, mas ninguém ousa levantar muito alto a voz. Até que, em 1958, mais precisamente 13 de Julho, o bispo do Porto escreve uma carta a Salazar na qual demonstra claramente o seu desagrado pela prepotência da ditadura. Segue-se

uma outra carta, já em Março de 1959, desta vez assinada por diversas personalidades católicas contra a tortura e as violências perpetradas pela PIDE. As novas ideias influenciavam, principalmente, os mais novos e mais atentos às novidades que vinham lá de fora. A candidatura de Humberto Delgado mais ajudou a extremar posições e a definir campos.

Entretanto, um grupo de jovens católicos intelectuais travam conhecimento na Juventude Universitária Católica (JUC). Editam uma revista, chamada «Encontro», e criam um cineclube onde se exhibe cinema, na altura, marginal.

O nome do director da revista é João Bénard da Costa, os outros membros são Pedro Tamen, Carlos Portas, Nuno de Bragança e Alberto Vaz da Silva.

A alta hierarquia da Igreja começou a não achar graça aos seus *enfants-terribles* que, número a número, aumentavam o tom da contestação, sobretudo, em tempo de eleições presidenciais. Os textos não tinham censura prévia, precisamente por se tratar de um órgão ligado à Igreja. Claro que a situação não podia durar muito. Face às múltiplas advertências e ralhetes, o núcleo da «Encontro» demitiu-se em bloco. Desde logo com a ideia de fundar uma revista, inspirada na «L'Esprit», uma publicação francesa de reflexão católica. A ideia teria de esperar alguns anos pela altura certa.

Compromisso histórico

Esta chegou com um encontro entre este grupo e um editor, recente fundador da Livraria Morais e conhecido pelos seus ideais de democrata-cristão, António Alçada Baptista. Uma figura solitária que, imediatamente, pensou e propôs realizar, com aquela gente mais nova, uma revista à volta da qual se expressassem ideias e pontos de vista diferentes. Ele próprio, com a ajuda de alguns amigos, suportaria os custos totais da publicação. Alçada Baptista (director), Bénard da Costa (chefe de redacção), Pedro Tamen (editor) e, ainda, Alberto Vaz da Silva e Nuno Bragança, mais ligados às artes e letras, constituíram o núcleo inicial de «O Tempo e o Modo», uma revista mensal, cujo primeiro número se publicou em Janeiro de 1963.

No mesmo ano, o Papa João XXIII anuncia a sua Encíclica «Pacem in Terris» na qual condena os regimes totalitários e expressa claramente a posição da Igreja perante os direitos dos cidadãos. Curiosamente reprova

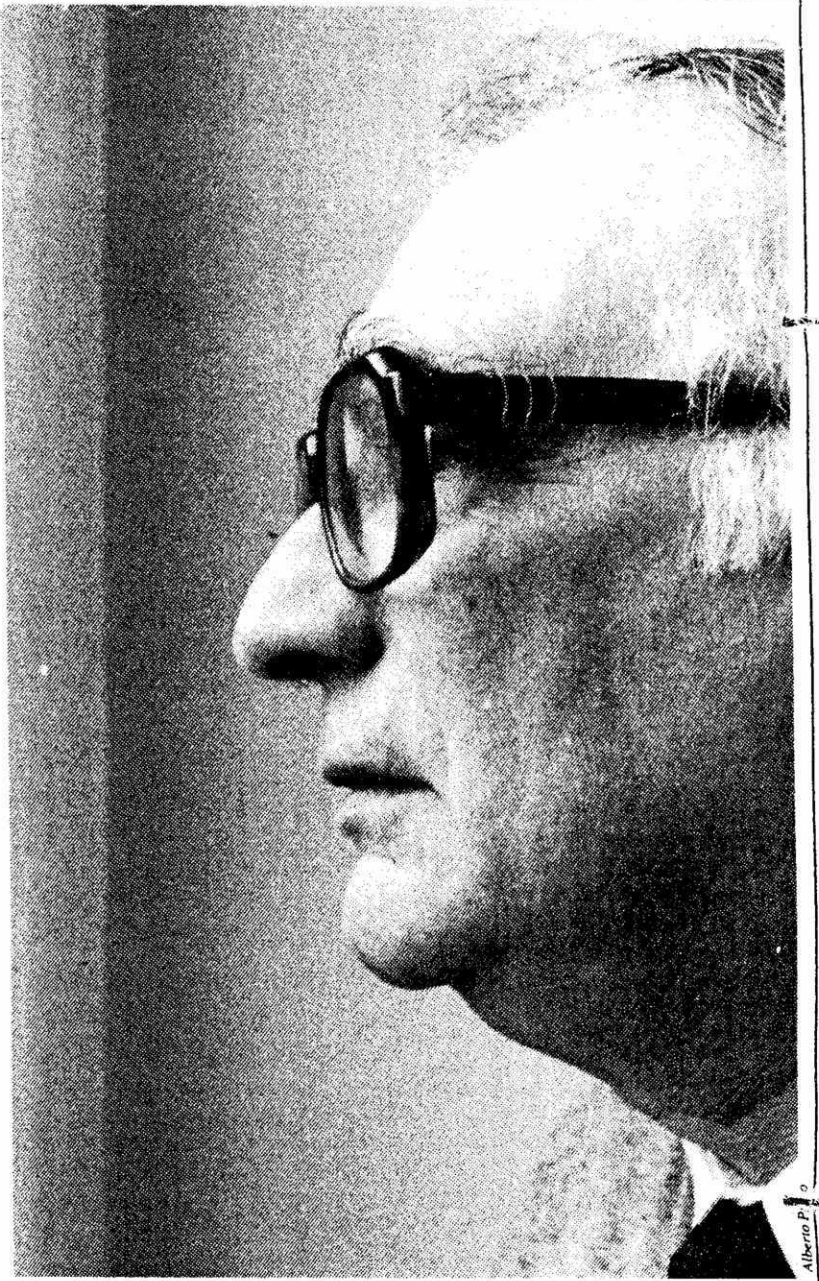
o facto de a mesma personalidade permanecer no poder durante um largo período de tempo! Reafirma o direito à liberdade, ao trabalho, à participação na coisa pública. Excerptos da encíclica são publicados no número cinco «O Tempo e o Modo».

No entanto, a particularidade da revista era o seu Conselho Consultivo. Este era constituído por personalidades católicas e não católicas, sobretudo da chamada esquerda democrática ou liberal. Numa palavra: que não eram do Partido Comunista. Nomes como Mário Soares, Salgado Zenha, Jorge Sampaio, Manuel Lucena e Vasco Pulido Valente (que só viria a entrar em 1964 como adjunto de João Bénard da Costa) representavam aquela esquerda que recusava submeter-se à hegemonia oposicionista do PC e criticava os dogmas marxismo-leninismo. Esta postura aberta a não católicos resultava da experiência da «L'Esprit» e da influência das ligações de Alçada Baptista ao Partido Democrata-Cristão Italiano que, precisamente em 1963, efectua a sua aliança histórica com o Partido Socialista.

Não se pense, contudo, que se tratava de um bloco homogéneo. Enquanto Mário Soares e Salgado Zenha (os dois mais velhos) eram, por assim dizer, personalidades isoladas, da esquerda tradicional que sobreviveu ao velho Partido Republicano; os restantes vinham do movimento estudantil, de uma experiência de organização e luta recente. Tinham feito a greve de 1962 e criado o Movimento de Acção Revolucionária (MAR). Interessante notar como este grupo — ou pelo menos alguns deles — acompanharam Jorge Sampaio na Intervenção Socialista, mais tarde no Partido Socialista e estão hoje mais próximos do que nunca do poder.

Cardia zanga-se

Claro que as críticas e os ataques não se fizeram esperar. E, inesperadamente ou não, vieram dos mais variados quadrantes, desde a própria Igreja e jornais do regime às publicações controladas pelo Partido Comunista, caso da «Seara Nova». Seguindo contam os fundadores, um dos membros do Conselho, Sottomayor Cardia, nessa altura ligado ao PC, saiu zangado, seis meses depois do início da revista. Escreveu uma carta acusando a revista de folclórica e anunciando a sua saída. A carta acabou por ser publicada com destaque na «Seara Nova». Com uma organização extremamente bem montada, o PCP aspirava a ser a única alternativa no caso de acontecer a



Alçada Baptista: o primeiro director de «O Tempo e o Modo»

queda do salazarismo.

De qualquer modo, a discussão abandonava o terreno político — até porque a censura não permitia debates abertos e alargados — e, centrava-se no campo das artes e letras, até aí totalmente controlado pelos neo-realistas. «O Tempo e o Modo» aparece como centro de uma polémica, alimentada na sombra, entre os defensores do neo-realismo e os que tinham da arte uma concepção diferente, influenciada, na sua maior parte, pela escola francesa. Esta discussão atinge o seu auge com o número seis da revista, subordinado ao tema «A arte deverá ter por fim a verdade prática?», a partir de uma polémica entre Vergílio Ferreira e Alexandre Pinheiro Torres, o crítico oficial do neo-realismo.

«O Tempo e o Modo» publica e dá a conhecer nomes como Jorge de Sena, Agustina, Ruy Belo, Herberto Helder, Eduardo Lourenço, Ramos Rosa, José Bento, tudo gente que, por um motivo ou por outro, não era bem vista pelo PC, logo não tinha lugar nas revistas culturais. Tudo acabou por ser mais quente pelo lado das artes que pelo da política propriamente dita: receberam-se cartas, telefonemas, ameaças...

A revista tinha uma linha estranha para a altura, ninguém percebia muito bem como podiam apreciar os escritores considerados de direita, como Agustina, e mesmo fascistas como Ezra Pound, enquanto desprezavam alguns neo-realistas, claros opositores do regime.

Ficaram célebres os inquéritos que a revista propunha (a diversas personalidades) e publicava sobre questões estéticas ligadas a vários domínios da expressão artística.

Desvarios de modo

Em finais de 1968 a revista começa a ter enormes dificuldades financeiras e Alçada Baptista, que tinha gasto enormes somas de dinheiro, resolve propor a criação de uma sociedade anónima para viabilizar a publicação. Os sócios principais são o grupo fundador mais Amadeu Lopes Sabinho, representante dos redactores, e José Bento, em representação dos colaboradores. Foi, talvez, o princípio do fim.

A aposta primeira da revista, de abertura a personalidades de opiniões e sensibilidades diferentes, não podia deixar de trazer discussões e problemas. A consequência primeira foi o progressivo afastamento do director que delegou em Bénard da Costa e Vasco Pulido Valente o grosso do trabalho de redacção. Conta-se que, em certa ocasião, Alçada Baptista, agastado com uma frase de um texto de Nuno Bragança, mandou retirar um caderno a substituí-lo por outro. A frase era: «Como dizia o rei Humberto de Itália na noite de núpcias «não estamos aqui para nos divertirmos»...»

A saída de Alçada Baptista veio a consumir-se em 1969 aquando da subida ao poder de Marcello Caetano. O director cessante tinha amigos na chamada ala liberal da Assembleia

GULBENKIAN

Cinco tangos a abrir

Olga Roriz e Paulo Ribeiro estreiam dois bailados no auditório da Fundação. É o segundo programa da temporada.

O Ballet Gulbenkian estreia na próxima quarta-feira, dia 31, pelas 21.30 horas, o 2.º Programa da presente temporada. No Grande Auditório, o espectáculo começa com a reposição de «5 Tangos», uma coreografia de Hans van Manen, com música do compositor argentino Astor Piazzolla.

Seguem-se duas estreias de coreógrafos portugueses. Primeiro, será a vez de Paulo Ribeiro apresentar «Ad Vitam», um bailado que recupera a canção «Morgen» de Richard Strauss, combinando-a com música de António Emiliano. Este jovem compositor ganhou o Prémio Garret 89 para a melhor banda sonora, relativo à música de «Fernando, Fausto, Fragmentos». Trata-se de um bailado sustentado por um ritmo forte e enérgico. Os figurinos são de Nuno Carinhas e as luzes de Rui Fernandes. O elenco é apenas masculino.

Olga Roriz personaliza a segunda estreia da noite. A partir de «Tristão e Isolda», de Richard Wagner, a coreógrafa construiu o bailado *Isolda*.



Olga Roriz: recompor Wagner

Unicamente para um elenco feminino. Os figurinos são de Vera Castro e as luzes de Orlando Worm. Há uma surpresa prometida para o fim do espectáculo, directamente relacionada com os cenários. Mistérios do

bailado.

Se não poder ver na estreia, fique sabendo que o pode fazer na quinta, dia 1 de Fevereiro, às 18.30 ou na sexta, dia dois, e sábado dia 3, às 16 e 21,30.

Nacional, como José Pedro Pinto Leite, que acreditavam nas boas intenções do primeiro-ministro. Todos os outros membros da revista eram de opinião contrária, o que tornou a situação insustentável e levou à saída definitiva de Alçada. Bénard da Costa foi nomeado director. Entretanto, desde 1967 que entrava gente nova e saíam alguns dos membros dos primeiros tempos por motivos diversos.

Com o advento do Maio de 1968, as posições e ideias políticas tinham-se radicalizado. A quase todos parecia necessário um discurso mais revolucionário, mais interveniente, posições próximas da extrema-esquerda. Este facto permite a entrada em «O Tempo e o Modo» de elementos pró-maoístas, que na altura formavam o MRPP, apoiantes da China no seu desentendimento com a União Soviética. Um grupo constituído por Amadeu Sabino, José Maria Martins Soares e Sebastião Lima Rego representava esta tendência que, pouco a pouco, viria a controlar a revista.

Desgostoso com o sucedido, Bénard viria a abandonar por volta dos finais de 1970.

Cada vez mais a revista deixa de abarcar a pluralidade de pontos de vista que era a sua glória e apanágio. Finalmente, com a prisão de Amadeu Sabino em 1971, «O Tempo e o Modo» é definitivamente conquistado pelos maoístas. Ostentando uma capa vermelha e amarela, acaba por ser o órgão de um grupúsculo de «sinónimos». E assim fica até ao seu desaparecimento puro e simples.

Carlos Morais José

Películas Bauhaus

A Imagolucis, uma nova galeria do Porto, tem em exposição um ciclo de fotografia de Bauhaus, que termina a 16 de Fevereiro. A mostra está dividida em fases e esta semana inicia-se «A lição e auto-retratos» que ficará em exposição até ao dia 1. Segue-se, até 8 de Fevereiro, «Edifícios de Bauhaus e retratos de mestres», ficando o ciclo concluído com uma semana dedicada a «As coisas, o mundo», que termine no dia 16. Embora a escola tenha sido criada uma meia dúzia de anos mais cedo, a fotografia só alcançou autonomia, dentro de Bauhaus em 1929 com a direcção de Hannes Mayer. A exposição da Imagolucis mostra bem a evolução de fotografia dentro da Bauhaus, com trabalhos de cerca de 40 autores. Entre eles estão responsáveis pelo seu desenvolvimento, como Lucia Moholy e nomes famosos, como Paul Citroën.

Soares e o tempo

«O Tempo e o Modo» é o tema de uma palestra, terça, dia 29 de Janeiro, na Fundação Gulbenkian. Intervém Mário Soares, João Bénard da Costa, António Alçada Baptista e Luís Salgado de Matos. A revista comemoraria este mês o seu vigésimo sétimo aniversário.

Cale em Lisboa

John Cale está de volta. O compositor e intérprete norte-americano actua dia 4 de Fevereiro, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Um oásis para os apreciadores de música contemporânea. Revisitar uma boa memória.

No centenário do nascimento de Salazar uma visão plural e objectiva do salazarismo

SALAZAR E O SALAZARISMO: UM CASO DE LONGEVIDADE POLÍTICA, por Fernando Rosas

SOBRE AS IDEIAS ECONÓMICAS DE SALAZAR, por José M. Brandão de Brito

SALAZAR E A POLÍTICA, por Manuel Braga da Cruz

OLIVEIRA SALAZAR E A POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA: 1932-1968, por César Oliveira

SALAZAR E A POLÍTICA COLONIAL DO ESTADO NOVO: O ACTO COLONIAL (1930-1951), por A. E. Duarte Silva

O SALAZARISMO E O FASCISMO EUROPEU. Os primeiros debates nas ciências sociais, por António Costa Pinto

«AS CIRCUNSTÂNCIAS OCORRENTES». Notas para a compreensão do pragmatismo político de Oliveira Salazar, por Jorge Ramos do O

SALAZAR ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA. Investigação, selecção e legendagem fotográfica, por Fernanda Rollo

Procure esta obra no seu livreiro habitual ou peça-a directamente a Publicações Dom Quixote
Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º — 1098 LISBOA CODEX
preenchendo o cupão anexo.

Queiram enviar-me junto cheque / vale postal
 SALAZAR E O SALAZARISMO (3 750\$00)

Nome _____
Morada _____
Cód. Postal _____ Tel. _____

Capa cartonada
320 páginas
123 fotografias
3 750\$00

PUBLICAÇÕES
DOM QUIXOTE
1965/1990



PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE • Distribuição: DIGLIVRO • MOVILIVRO